

Dossiê Temático INTERNET, FEMINISMOS E DIVERSIDADE SEXUAL

APRESENTAÇÃO

Graciela Natansohn, editora

Como afirmamos na chamada de artigos para este dossiê, as tecnologias digitais e o ambiente online são um locus importante da ação política feminista e, ultimamente, da reflexão teórica e metodológica dos feminismos na suas interfaces com os estudos de comunicação e cibercultura. Estamos assistindo a emergência de profícuas relações entre práticas ciberativistas e reflexões tecnopolíticas cujo foco de atenção são os processos de fazer e desfazer gênero, isto é, de desconstruir as complexas relações entre a percepção dos corpos, as identidades e os desejos, no emaranhado das redes digitais. Como não poderia ser de outro modo, em se tratando de feminismos, sexualidades e internet, há uma predominância de temas que expressam as tensões e resistências frente às formas dominantes da cultura e as pulsões e desejos que anelam por emergir. Todos os textos tratam, de diferentes formas e abordagens, a violência machista, as expressões de ódio e estigmas, o sexting, as fantasias bélicas masculinas, as heteronormas opressivas, a cultura sexista, os estigmas provenientes dos difusos e questionados limites entre erotismo e pornografia online, a homofobia e misoginia em rede, a transfobia, as brechas de gênero no campo das tecnologias e seus padrões androcêntricos, a criminalização do direito humano das mulheres ao aborto legal, a “cultura do estupro”, a lesbofobia. Obviamente, não é mera coincidência que sujeitos abjetos, subalternizados, objeto de discriminações várias junto com (simplesmente) mulheres sejam o foco destas páginas.

Os artigos apresentados - cujas intersecções são múltiplas e diversas - têm um tom ou talvez um sabor em comum: parafraseando Freud, expressam um certo mal estar na cultura e em uma ordem social nas quais as formas binárias hétero e cisnormativas estão implodindo, gerando antagonismos de ordem cultural, política e, sem dúvida, epistemológicos. Exemplo disso é que as questões de gênero e sexualidade acabam de ser banidas dos currículos escolares em planos estaduais de educação em várias unidades federadas¹. Pelo menos boa parte da nossa sociedade (e não apenas os especialistas e acadêmicos) vive em um estado deliberativo acerca do que seja o gênero, a sexualidade e as identidades sexuais. Fica evidente que “a desnaturalização dos vínculos e as experiências humanas não se realiza tranquilamente senão sob um ciclo de

reconhecimento de mal-estares, denúncias, protestos, exigências e criação de novas condições em que essas afrontas e opressões começam a ceder”, segundo observa o antropólogo Pablo Semán².

Um dos cenários principais destas disputas acirradas é a internet. Blogs, sítios de redes sociais, games online, sítios de compartilhamento de fotos e vídeos são verdadeiros campos de batalha teórica e política e objetos de análise privilegiados pelos pesquisadores que participam deste dossiê, cujos trabalhos dão conta dos processos contemporâneos de subjetivação “ciborgizada”.

Selecionamos dez textos, dentre muitos que chegaram a nossas mãos, por acreditar (cientes de que toda escolha implica riscos e exclusões) que balizam o território cada vez mais interdisciplinar da cibercultura, sugerem conexões nem sempre evidentes, equacionam as conversações mais relevantes do campo acadêmico sobre o tema em questão e nos estimulam a ampliar ainda mais nossas estratégias heurísticas na busca dessa “intuição vivaz e inovadora e a graça incandescente de inventar”³. Boa leitura.

NOTAS

1. Folha de São Paulo de 25/06/2015. In <http://www1.folha.uol.com.br/educacao/2015/06/1647528-por-pressao-planos-de-educacao-de-8-estados-excluem-ideologia-de-genero.shtml>
2. Pablo Semán, em Revista Anfibia, in <http://www.revistaanfibia.com/ensayo/el-posporno-no-es-para-que-te-excites/>, em 12/08/2015.
3. Michel Serrés, citado por Omar Ricón in: <http://www.fesmedia-latin-america.org/uploads/media/Manifestos.pdf> p. 132.